

## Retratos da velhice: uma análise da representação do homem idoso nos livros didáticos de Matemática do Ensino Fundamental

Renata de Moraes Candia<sup>1</sup>  
José Wilson dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao considerar as relações de poder em uma sociedade que valoriza a juventude pulsante, alheia ao crescente envelhecimento da população, buscamos neste artigo compreender o modo como o livro didático de Matemática induz à governamentalidade, instituindo um modo de conceber o homem idoso. Para tanto, utilizando os conceitos de governamentalidade, cultura da performatividade e etarismo como ferramentas para pensar, procuramos, por meio de uma prática cartográfica, explicitar compreensões que emergem da análise de uma das coleções de livros didáticos de Matemática do Ensino Fundamental mais vendidas no Programa Nacional do Livro Didático 2019 (PNLD 2019). Nossa análise coloca o livro didático de Matemática no campo dos jogos de poder e da instituição do verdadeiro, evidenciando movimentos de invisibilização e de estigmatização do homem idoso. Mais que isso, aponta para a prática de um etarismo que atua sorrateiramente pelos microespaços sociais e, contornando diretrizes do PNLD, institui um modo de ver/ser idoso no Brasil.

**Palavras-chave:** Livro Didático de Matemática. Programa Nacional do Livro Didático. Governamentalidade. Etarismo. Homem idoso.

### Portraits of old age: an analysis of the representation of elderly man in Elementary School mathematics textbooks

**Abstract:** When considering the power relations in a society that values pulsating youth, oblivious to the population's growing aging, we seek in this article to understand how the Mathematics textbook induces governmentality, establishing a way of conceiving the elderly man. Using the concepts of governmentality, culture of performativity and ageism as tools for thinking, we seek, through a cartographic practice, to explain understandings that emerge from the analysis of one of the best-selling collections of Elementary School Mathematics textbooks in the National Textbook Program 2019 (PNLD 2019). Our analysis places the Mathematics textbook in the field of power games and the institution of the true, evidencing movements of invisibility and stigmatization of the elderly man. More than that, it points to the practice of an ageism that acts surreptitiously through social microspaces and, deviating from PNLD guidelines, institutes a way of seeing/being elderly in Brazil.

**Keywords:** Mathematics Textbook. National Textbook Program. Governmentality. Ageism. Elderly man.

### Retratos de la vejez: un análisis de la representación del anciano en los libros didácticos de Matemática de Educación Primaria

**Resumen:** Al considerar las relaciones de poder en una sociedad que valora la juventud vibrante, ajena al creciente envejecimiento de la población, buscamos en este artículo comprender cómo el libro de texto de Matemáticas induce a la gubernamentalidad, estableciendo una forma de percibir al anciano. Para ello, utilizando los conceptos de gubernamentalidad, cultura de la performatividad y discriminación por edad como herramientas para el pensamiento, buscamos, a través de una práctica cartográfica, explicar comprensiones que emergen del análisis de una de las colecciones de libros de texto de Matemáticas para la Educación Primaria más vendidos en el Programa Libro de Texto Nacional 2019 (PNLD 2019). Nuestro análisis coloca el libro de texto de Matemática en el campo de los juegos de

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Dourados, MS, Brasil. Email: [renatinha.candia@hotmail.com](mailto:renatinha.candia@hotmail.com) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0897-1093>

<sup>2</sup> Doutor em Educação Matemática. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Dourados, MS, Brasil. Email: [josewsantos@ufgd.edu.br](mailto:josewsantos@ufgd.edu.br) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7410-7252>

poder y de la institución de la verdad, evidenciando movimientos de invisibilidad y estigmatización del anciano. Más que eso, apunta a la práctica de un envejecimiento que actúa sutilmente a través de microespacios sociales y, pasando por alto las directrices del PNLD, instituye una forma de ver/ser anciano en Brasil.

**Palabras clave:** Libro de texto de Matemáticas. Programa Nacional de Libros de Texto. Gubernamentalidad. discriminación por edad. Anciano.

## Introdução

[...] numa sociedade como a nossa – mas, afinal de contas, em qualquer sociedade – múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação um funcionamento do discurso verdadeiro. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade (FOUCAULT, 2010, p. 22).

Em sua analítica do poder, o filósofo Michel Foucault (1926-1984) evidencia a estreita relação entre poder, discurso e verdade. Contudo, seu foco não está em um poder qualquer, mas em um poder capilar que se dá nas microrrelações, penetrando nas pequenas fissuras e diferentes espaços do tecido social.

Sempre sutil e sorrateiro, o poder se alastra por todo o tecido social movimentando discursos e constituindo sujeitos. Tal poder não é único e nem centrado, contrariamente, caracteriza-se por sua natureza pluriforme e multidirecional, cujos pontos de resistência são sempre móveis e transitórios, a cada tensionamento tem-se uma nova configuração de poder (SANTOS; SILVA, 2021a).

Essa característica maleável e constante das relações de poder torna-se uma ferramenta imprescindível ao governo da população, e a escola, tendo em sua gênese um caráter instrucional, não passaria despercebida aos interesses de controle do Estado, tornando-se na modernidade “[...] a mais generalizada instituição de sequestro, sendo sua ação muito mais decisiva para a constituição das sociedades disciplinares do que outras instituições tais como a prisão, o exército, o hospital ou a fábrica” (VEIGA-NETO; SARAIVA, 2011, 6).

Há ainda que se considerar que essa escola não visa uma população qualquer, mas está majoritariamente direcionada ao público mais jovem, passível de ser ajustado a fim de atender às demandas de uma sociedade na qual a competição e o consumo dão o tom às formas de vida, instituindo um “jeito de ser” na atualidade.

Nesse contexto, para além das vestimentas ou *smartphones* que devem possuir, a escola

contribui também para fixar/inventar identidades, modular o olhar e construir, gradativamente e discursivamente, um jeito de ser jovem, adulto e idoso, a partir de marcas identitárias que influenciam o estabelecimento do tempo de vida útil de cada sujeito. Somado a outros, tal processo impulsiona um movimento que tem como consequência a estigmatização e o preconceito em relação aos idosos, que passam a ser “[...] vistos como incapacitados, com reduzida força produtiva, raramente levando-se em conta [sua] experiência [...]” (BULLA; KAEFER, 2003, p. 4).

Todo esse contexto, aliado ao fato de que a população idosa no Brasil está em vertiginoso crescimento – com previsão de um salto no número de idosos dos 10,8% atuais para 18,7% nos próximos 20 anos e de atingir mais de 25% antes de 2060 (IBGE, 2023) –, torna-se imprescindível repensar o papel da escola no que tange à representação do idoso e ao lugar a ele destinado. Entendendo que não há uma forma única e universal de ser pessoa idosa, mas que contrariamente “[...] uma das características desta etapa da vida é a sua heterogeneidade, ou seja, os sujeitos não envelhecem de maneira igual, construindo suas próprias histórias de vida, com características e dificuldades diferentes” (BULLA; KAEFER, 2003, p. 2), propomos como questão central neste artigo, investigar “Quais aspectos/características do homem idoso são evidenciados no livro didático de Matemática?”. Em consonância com a questão proposta, objetivamos analisar e descrever os elementos que emergem dos livros didáticos de Matemática do Ensino Fundamental, e que contribuem para a constituição de um modo de conceber o homem idoso.

### **Aporte Teórico**

Para apoiar nossa busca em compreender o modo como o homem idoso é representado nos livros didáticos de Matemática, mobilizamos como ferramentas para pensar os conceitos de Governamentalidade, Cultura da Performatividade e Ageísmo/Etarismo.

De acordo com Foucault, a governamentalidade pode ser descrita como “[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população [...]”. (FOUCAULT, 2008a, p. 143). Diferentemente do poder disciplinar, direcionado aos indivíduos, a governamentalidade mobiliza instituições, táticas e tecnologias de governo que visam conduzir as condutas não individuais, mas coletivas.

Não se trata, porém, de substituir a disciplina pelo governo, mas de implementar novas formas de controle a fim de ampliar sua eficácia, de modo a conduzir, ao mesmo tempo,

a todos e a cada um. Nesse contexto, o livro didático de Matemática emerge como tecnologia de governo capaz de “[...] conduzir não fisicamente os comportamentos alheios, de fazer as pessoas andarem sem colocar os pés e pernas delas na posição adequada” (VEYNE, 2011, p. 167). Ou seja, uma vez apoiado em um discurso científico, o livro de Matemática é inserido no âmbito do verdadeiro, possibilitando a condução coletiva dos indivíduos na direção “correta”.

Contudo, os mecanismos de controle/condução do sujeito não se dão de forma isolada. Um discurso se apoia em outro, uma tecnologia se alinha à outra de modo a ampliar sua capacidade de controle. É nesse contexto que enxergamos a Cultura da Performatividade como:

[...] uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meios de controle, atrito e mudança. Os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas de produtividade e rendimento, ou mostras de “qualidade” [...] representam a validade, a qualidade ou valor de um indivíduo ou organização dentro de um determinado âmbito de julgamento/avaliação (BALL, 2002, p. 4).

Sob esses aspectos, a cultura da performatividade é instituída como mecanismo de controle/gerenciamento da vida de cada sujeito, estimulando um ambiente de competitividade e comparação constante, de modo a exaltar no sujeito a sua melhor performance, valorizar/estimular a máxima produtividade e, ao mesmo tempo, excluir aqueles que não atendem aos critérios estabelecidos.

Aliados aos conceitos explicitados, e entendendo, conforme Santos (2021), que, embora não se possa ver/possuir o poder, é possível sentir/analisar seus efeitos, recorremo-nos ao conceito cunhado por Robert Butler como *ageism* (também conhecido no Brasil como ageísmo, velhismo ou idadismo), utilizado nessa pesquisa em sua tradução para “etarismo”, termo comumente empregado principalmente pela grande mídia brasileira e que, tal qual os demais, é compreendido como:

[...] uma forma preconceituosa de encarar a velhice e que são bastante disseminados em nossa cultura. Muitas vezes, essa discriminação encontra-se mascarada ou implícita na nossa sociedade, mas que se reflete no senso comum, nas atitudes frente aos mais velhos e na busca implacável de retardar o envelhecimento (RODRIGUES; BRAZ; ARAÚJO; ARAÚJO, 2019, p. 110).

Ao evidenciar as características que emergem do conceito de etarismo, nossa investigação ganha centralidade, uma vez que buscamos analisar os modos como a

governamentalidade, esta “[...] arte de governar os homens” (FOUCAULT, 2008b, p. 219), associa-se à cultura da performatividade, atuando com forma de “atar as coisas” e reelaborá-las” (BALL, 2004, p. 1116), tudo isso em meio a um ambiente de competitividade e desempenho no qual a jovialidade ganha destaque em uma sociedade que envelhece a cada dia, solo fértil para a prática do etarismo.

### **3 Movimento Metodológico da Pesquisa**

O processo de investigação qualitativa, particularmente aquele que se dá sobre materiais tão amplamente consolidados – como é o caso do livro didático de Matemática – requer um ato de suspeição daquilo que se observa/analisa e de suspensão das certezas anteriores, a fim de que os conhecimentos sejam produzidos a partir dos dados, e não sobre eles, caso contrário, corre-se o risco de se “reinventar a roda”, de apenas dizer mais sobre o já dito. Dessa forma, o que buscamos nessa pesquisa é duvidar daquilo que sabemos, verdades construídas de modo artesanal, histórica e discursivamente.

Nesse contexto, utilizamos a cartografia como possibilidade de percorrer um terreno ainda não explorado, construindo a pesquisa como processo no ato de pesquisar, duvidar, estranhar e construir novas compreensões a partir das pistas que envolvem a atenção do cartógrafo, atenção essa que ao interiorizar-se “[...] acessa dados subjetivos, como interesses prévios e saberes acumulados, ela deve descartá-los e entrar em sintonia com o problema que move a pesquisa” (KASTRUP, 2007, p. 18). Sob esta perspectiva, consideramos quatro pistas para atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o rastreamento atento.

Entendemos o rastreio como um “[...] “gesto de varredura do campo” (KASTRUP, 2007, p. 18), uma espécie ainda de tateamento, momento de sentir o espaço a ser cartografado até que algo chame maior atenção. Nessa etapa, tínhamos em mente a intenção de analisar livros didáticos de Matemática e o modo como esse material poderia contribuir para o governo de uma população, sem, contudo, definir de pronto um foco específico.

Desses primeiros passos emerge a ideia de investigar o modo como a pessoa idosa é representada, separando as temáticas que envolvem homem e mulher para análises individuais a fim de aprofundar os apontamentos em cada caso. Nesse recorte, optamos por tratar especificamente da representação do homem idoso. Definimos, então, alguns dos primeiros movimentos, como considerar o material destinado ao Ensino Fundamental I por estar direcionado às crianças em seus primeiros anos em uma instituição disciplinar ou, nas palavras de Foucault (2014), uma instituição de sequestro que, como tal, possibilita uma nova forma de

gerenciamento da vida, do tempo e da aprendizagem, funcionando “[...] como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. [...] Então, a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente “classificador” do professor” (FOUCAULT, 2014, p. 144).

A partir desta compreensão, buscamos identificar no PNLD 2019 qual a coleção mais vendida, entendendo que esta alcançaria um número maior de crianças. Optamos, então, pela coleção *Ápis Matemática Ensino Fundamental – Anos Iniciais*, destinada aos alunos do 1º ao 5º ano, escrita por Luiz Roberto Dante. Uma vez adquirido o material de análise, avançamos ao “toque”, segunda variedade atencional do cartógrafo.

De acordo com Kastrup (2007), o toque se dá nos primeiros contatos com o material, acionando o foco no processo de seleção do cartógrafo. Esse momento envolveu uma primeira análise de cada um dos cinco livros da coleção, tanto os do aluno quanto o manual do professor. Nesse processo, verificamos que não havia referência textual aos idosos nas atividades propostas, ficando sua representação restrita a imagens. Tal fato nos conduz a uma pausa no movimento a fim de melhor compreender aquilo sobre o qual lançaríamos luz.

Uma vez definida a temática que constituiria a questão orientadora da pesquisa, realizamos o pouso, gesto que “[...] indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura” (KASTRUP, 2007, p. 19).

Entendendo que a escola está imersa em relações de saber e de poder que instituem uma tecnologia política do corpo que, distante de ser lógica e sistemática, é “[...] raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 30), buscamos durante o pouso identificar nessas imagens “fragmentos” dessa tecnologia que, juntamente com outras, constroem discursivamente a imagem de um sujeito idoso nos livros didáticos de Matemática. Nesse processo, selecionamos na coleção todas as imagens relacionadas ao tema e identificamos aquelas às quais dedicaríamos atenção a partir de elementos comuns, constituindo as categorias “Trabalho”, “Esporte/Lazer” e “Tempo livre”.

Por fim, dedicamo-nos ao reconhecimento atento, visando descrever não o que as coisas são, mas apenas o que está acontecendo, “[...] pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2007, p. 20). Nesse percurso, focamos nossa atenção naquilo que era descrito nas imagens, no modo como estas se articulavam (ou não) às demais atividades da obra, bem como as possibilidades de tais representações

implicarem uma governamentalidade ou instigarem a cultura da performatividade ou o etarismo.

#### 4 Análise do Dados

Ao iniciarmos nossa análise, consideremos na Tabela 1 a seguir a quantidade de imagens identificadas em cada categoria, a fim de expandir nossa compreensão sobre o tema. Posteriormente, verificaremos se tal proposta atende devidamente àquilo que prevê o PNLD, em conformidade com o Estatuto do Idoso, no sentido de assegurar a promoção do conhecimento sobre os direitos da pessoa idosa, bem como dos processos de envelhecimento e dos direitos humanos.

**Tabela 1** – Contexto de representação do homem idoso nos livros didáticos de Matemática analisados

Contexto	Homem não idoso	Homem Idoso	TOTAL
Trabalho	32	7	39
Esporte/Lazer	27	0	27
Tempo livre	20	8	28
<b>TOTAL</b>	79	15	94

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

As imagens cuja quantidade figura na Tabela 1, retratam na sua grande maioria homens jovens/adultos em situações de trabalho, esporte e lazer. Chama-nos atenção a ausência de imagens que retratem o homem idoso em situação de prática esportiva (0%), fixando sua representação ora em situação de trabalho (46,67%), ora como aquele que possui muito tempo livre (53,33%), sugerindo que, por não possuir outras responsabilidades, caberá ao idoso auxiliar nas tarefas escolares, brincar ou passear com os netos, conforme evidenciaremos posteriormente. Por ora, manteremos nossa atenção à categoria “esporte/lazer”. Ora, se atividades como a dança, a caminhada ou a natação dentre outras, são imprescindíveis à saúde física e mental conforme recomenda a Organização Mundial da Saúde (OMS), então, por que razão o livro didático de Matemática exclui o idoso deste cenário, haja vista que não há sequer um idoso nesta categoria?

Talvez o leitor possa questionar exatamente o fato de ser proposta uma categoria em que não há qualquer imagem para análise, todavia, é justamente esse fato que gostaríamos de evidenciar, pois enquanto 34% de homens não idosos estão associados ao “esporte/lazer”, o idoso é simplesmente apagado desta. Tal fato é consoante a uma intencionalidade nas “[...] práticas sociais de invisibilização e silenciamento que alcançam, sobretudo, sujeitos

estereotipados como improdutivos” (SILVA, 2015, p. 119). Sob esta compreensão, vejamos outras imagens presentes na coleção a fim de verificar evidências desses estereótipos.

Ao concentrar nossa atenção flutuante nas principais imagens encontradas na obra, entendemos que estas compõem um discurso que constrói/reforça processos de normatização, ressaltando diferenças entre o desejável e aquilo que dele se distancia, a norma e o fora da norma, em outras palavras, o “normal” e o “anormal”. Trata-se, portanto, de um processo discursivo de fixação do ideal, de definição das curvas de normalidade que visam “[...] fazer interagir essas diferentes atribuições de normalidade e procurar que as mais desfavoráveis se assemelhem às mais favoráveis” (FOUCAULT, 2006, p. 83).

Dessa forma, veremos a seguir o modo como o livro didático insere-se nesse contexto, à medida que promove/exalta um segmento da sociedade em detrimento de outro, evidenciando a existência de espaços sociais reservados a crianças, jovens, adultos e idosos a partir de marcas identitárias que têm como parâmetros as etapas da vida. As imagens a seguir ressaltam o que estamos afirmando, a partir das categorias já explicitadas.

**Figura 1 – O homem idoso/Trabalho pesado**



Fonte: Dante (2017a; ilustrações de Giz de Cera).

As imagens representam os sete anões<sup>3</sup>, adultos e idosos personagens da clássica história infantil da Branca de Neve. Chama atenção o modo como são ressaltadas nas imagens as marcas

<sup>3</sup> Vale destacar, por oportuno, que a própria Disney, criadora do clássico infantil citado, decidiu recentemente adotar uma nova abordagem dos sete personagens a fim de não reforçar estereótipos, no caso o nanismo (VEJA, 2022).



identitárias da velhice, como barba branca, nariz avantajado, postura corcunda, marcas e verrugas no rosto, evidências de uma lógica de classificação da vida que evidencia a velhice como período de decadência física.

Sob o manto dos inocentes contos de fada, insere-se no imaginário coletivo um “modo de ver/ser” pessoa idosa, cujas características, equivocada e generalizadamente consideradas típicas nessa população, são reforçadas na reprodução dos personagens escolhidos pelo livro didático.

Para além disso, chama ainda atenção na imagem/conto o fato de alguns destes pequenos de idade avançada apresentarem-se sempre felizes, com suas picaretas em mãos, dispostos a realizarem serviços pesados, como quebrar pedras trabalhar em escavações etc.

Ainda que contos de fada ou outras histórias infantis presentes em livros didáticos possam ter sido escritos há muito tempo, estando, portanto, deslocadas do contexto social contemporâneo, chama atenção o fato de estas serem mobilizadas na atualidade sem nenhuma recontextualização ou qualquer senso crítico, uma vez que não se observa nas orientações ao professor qualquer sugestão para abordar a temática do envelhecimento, cujas vantagens e cuidados poderiam subsidiar reflexões e uma nova forma de compreender os anseios e potencialidades desta geração.

Tal fato ignora o que aponta o Estatuto do Idoso e a BNCC, ao chamarem atenção para a necessidade de escolas e sistemas de ensino incorporarem a seus currículos discussões que envolvam os temas contemporâneos transversais “[...] que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Dentre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente, [...] **processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso** [...]”. (MEC, 2017, p. 19, grifo nosso).

Antes de delongar nossas compreensões, vejamos o que emerge de outras imagens presentes na obra e que, da mesma forma, remetem ao contexto do trabalho do homem idoso em funções tidas como menos valorizadas socialmente.

**Figura 2 – O homem idoso/Trabalho no comércio**



Fonte: Dante (2017a; 2017c; 2017b; ilustrações Dam Ferreira).

Nas imagens apresentadas na Figura 2, observam-se pessoas idosas em situação de trabalho no comércio em uma loja de brinquedos (a), na feira (b) e em uma papelaria (c). É fato que pessoas idosas trabalham nas mais diferentes áreas. O que chamamos atenção, porém, são os estereótipos, como o fato de se optar na obra por evidenciar tão somente o idoso no trabalho em serviços pesados (Figura 1), ou no comércio (Figura 2), ignorando a atuação dos idosos em áreas como indústria, educação ou ciência, ambientes nos quais o conhecimento acumulado ao longo dos anos propicia à pessoa idosa uma condição de destaque.

Para além das imagens meramente ilustrativas (a) e (c) ou pseudocontextualizadas – como na imagem (b), que supõe um tipo de cálculo que o feirante habituado a cálculo mental dificilmente vivenciaria – chamamos a atenção aos estereótipos, sobre o modo como o livro didático constrói na mente da criança um “sujeito-idoso” como alguém que, além de estar distante dos trabalhos socialmente mais valorizados, possui características físicas “bem definidas”, quais sejam: cabeça careca e desproporcional ao corpo (imagens a, b e c), sobrepeso (imagens a e b) ou corpo magro e frágil, além de boca murcha e nariz grande (imagem c).

É fato que muitos homens idosos permanecem no mercado de trabalho e, segundo

Vanzella, Neto e Silva (2011, p. 98), tal permanência tem “[...] como principal motivo a necessidade de uma remuneração extra ou a vontade de permanecer ativo” Uma vez que já citamos a problemática da representação única nos trabalhos de menor prestígio social, dividamos então essa afirmação em apenas duas outras partes a fim de melhor nos fazermos entender e consideremos, inicialmente, a necessidade de remuneração extra.

Entendemos que a busca por remuneração reforça uma estratégia própria da cultura da performatividade, a de instituir na mente da criança/jovem a ideia de que há um período específico da vida no qual este deve concentrar todas as suas forças, sob o risco de não ter na “velhice” seu momento de descanso, tendo que se sujeitar a trabalhos menos valorizados. Sob esta perspectiva, o modo de vida do idoso é apresentado como punição àqueles que não viverem sua vida conforme o ideário neoliberal de competição e aprimoramento constante. Trata-se, portanto, de formas de governo, essa arte de “[...] conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte de segui-los, de empurrá-los passo a passo, [...] coletiva e individualmente ao longo de toda a vida deles e de cada passo da sua existência” (FOUCAULT, 2008b, p. 218-219).

Ao ignorar outros modos de vida, práticas ou biotipos, o livro didático estigmatiza o homem idoso como o “anormal”, aquele se afastou da curva de normalidade e que, na velhice, já não possui, invariavelmente, o porte físico, a agilidade ou estética que lhe assegurem o lugar de desempenho ótimo de suas funções até mesmo intelectuais.

Quanto ao segundo ponto que levantamos, qual seja, a “vontade de manter-se ativo”, entendemos que esta se dá por meio da inserção/construção do desejo como tecnologia de subjetivação, minuciosamente calculada e tutelada pelos aparelhos biopolíticos a fim de extrair do sujeito o máximo de suas forças, uma vez que “o desejo é aquilo por que todos os indivíduos vão agir. Desejo contra o qual não se pode fazer nada” (FOUCAULT, 2008b, p. 95). Ainda segundo Foucault, é o jogo concomitantemente espontâneo e regrado do desejo que permitirá a produção do interesse coletivo, “[...] é o desejo que marca ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade possível dos meios criados para geri-la” (FOUCAULT, 2008b, p. 95).

Dessa forma, ao inserir artificialmente o desejo nos jogos de poder, produz-se no sujeito idoso a ânsia pelo reconhecimento, por manter-se produtivo até as últimas consequências. Uma vez mobilizada essa tecnologia do desejo, o idoso se sentirá diminuído se não estiver no campo de trabalho, ainda que este não tenha pela sociedade o reconhecimento devido. Trata-se da busca de ser o jovem que fora outrora, da “[...] experiência-limite do tornar-se outro, isto é, a



As imagens da Figura 3 sintetizam evidências que emergem da categoria na qual o homem idoso é apresentado como pessoa ociosa, desocupada, aquele que não está mais no mercado de trabalho e, portanto, não possui compromissos a cumprir. Observe que as imagens (d) e (e) evidenciam um homem idoso (possivelmente, um familiar) lendo para uma criança, ao passo que na imagem (f) um idoso cego caminha com a ajuda de um cão-guia. Certamente que tais imagens transparecem certa bondade, inocência ou despreensão, mas é justamente aí que reside a capacidade de inserir certo comportamento ao idoso no âmbito da normalidade, e são estas as razões pelas quais Foucault (2008a) propõe pensar o poder em sua microfísica.

Observe que nos casos explicitados o idoso não tem uma ocupação ou objetivo, ele simplesmente está ali, “a serviço” da criança nos dois primeiros casos (imagens d e e), e na imagem f ele cumpre o papel de representar o deficiente ou idoso, sem que lhe seja atribuída qualquer relevância. Vale destacar, ainda, que em nenhuma das três imagens ele aparece em situação de trabalho ou lazer.

Com efeito, fica explícita a ausência de qualquer importância atribuída ao idoso ao se analisar a imagem f. Observe que, na atividade em questão, ao referir-se às imagens e e f, a obra propõe que os estudantes respondam: “O que você vê nesta cena?” (DANTE, 2017d, p. 199). A essa resposta, a obra prevê o seguinte: “Uma avenida com anúncios em um ônibus, no ponto de ônibus, em uma padaria e em uma quitanda” (DANTE, 2017d, p. 199).

Ora, em nenhuma das duas imagens se vê, por exemplo, um senhor idoso lendo um livro para uma criança e um idoso cego passeando com um cão-guia? O fato é que a obra está questionando os estudantes sobre os anúncios, por estamparem valores numéricos, ignorando o contexto ou todo o restante do cenário e, induzindo, assim, as crianças a responderem tão somente sobre os anúncios, o que é confirmado tanto pela resposta à primeira pergunta, como pela pergunta imediatamente posterior – “quais anúncios aparecem retratados nesta cena?” – e sobre os elementos da paisagem urbana, na terceira questão.

Entendemos que o ato de “desviar” o olhar das crianças de modo a não enxergar as pessoas idosas depõe contra o que prevê a BNCC, que, aliás, é citada na obra que, parafraseando o documento, alerta sobre a responsabilidade dos sistemas e das redes de ensino de “[...] incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (DANTE, 2017a, p. 22).

Contudo, é curioso notar que, mesmo considerando as condições e intenções

neoconservadoras que subsidiaram a elaboração da BNCC, cujos impactos na educação vêm sendo amplamente criticados por uma gama de pesquisadores, conforme destacam Peroni *et al.* (2019), ao apresentar um excerto deste documento no livro didático do primeiro ano, observa-se a exclusão justamente do complemento do parágrafo que orienta o professor sobre a necessidade de explorar questões voltadas ao idoso, conforme se observa do trecho em destaque, não transcrito na coleção:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. **Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente, [...], processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso, [...] educação em direitos humanos [...]** (MEC, 2017, p. 19, grifo nosso).

Acreditamos, portanto, estar evidente um processo classificatório que ora invisibiliza o idoso, ora lhe destina um lugar específico como alguém de cuida de crianças de sua família, evidenciando nessa microfísica, uma governamentalidade que visa “[...] dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Desta forma, entendemos, em consonância com Santos (2021), que o livro didático de Matemática atua como tecnologia essencial de uma governamentalidade neoliberal, contribuindo para a instituição de uma cultura da performatividade.

Não estamos com isso afirmando que os autores da obra possuam qualquer intenção subjacente, mas apenas evidenciando o modo como o livro didático está imerso nas relações de poder, a uma a ordem do discurso na qual “[...] não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Desta forma, o livro didático de Matemática alinha-se às práticas, estratégias e tecnologias que o discurso faz circular, impondo uma verdade sobre o que deve, o que não deve, e o modo como algo deve ser dito neste material didático, a fim de atender a essa ordem do discurso que o constitui.

Se é fato que o poder não se controla, se ele é algo que não podemos possuir, mas apenas sentir seus efeitos (SANTOS, 2021), ressaltamos que o etarismo emerge como um possível efeito destas relações de poder presentes no livro didático, haja vista que “[...] a veneração da juventude pela maioria das sociedades ocidentais costuma fazer do envelhecimento um objeto

de vergonha, ridículo, de desgosto” (GOLDANI, 2010, p. 413).

Ao considerar os fatos que emergem de nossas análises, nas quais idosos são invisibilizados ou sub-representados, compreendemos a incorrência de uma série de ações de exclusão próprias do etarismo e que permeiam desde o ambiente social – como a dificuldade de comunicação entre jovens e idosos, uma vez que estes primeiros enxergam pessoas idosas como ultrapassadas – até o ambiente de trabalho, para os quais os idosos são/serão vistos como desqualificados ou incapazes.

### **Considerações finais**

Destituídos da pretensão de estabelecer parâmetros ou qualquer tipo de censura sobre os livros didáticos de Matemática, buscamos apenas evidenciar o modo como estes ajustam-se a uma ordem do discurso e atuam na constituição de uma sociedade que, caminhando para o envelhecimento, insiste em cultivar a juventude.

Nesse contexto, ressaltamos representações que apontam para o idoso como o “anormal”, aquele que se distancia da norma estabelecida. Apelando para aspectos de ordem física e/ou profissional, fica evidente na obra o modo como o sujeito idoso, ao não possuir as características mais valorizadas pela racionalidade neoliberal, uma vez que não consegue mais entregar a sua melhor performance, é inserido num processo de exclusão/apagamento.

Intriga-nos o fato de a obra apresentar conhecimento sobre os documentos oficiais que regem a educação brasileira e a produção de livros didáticos, bem como a necessidade de se promover discussões sobre os direitos da pessoa idosa e os processos de envelhecimento, mas, contrariando o previsto nesses documentos, excluir das discussões a temática do envelhecimento.

Tal contexto possibilitaria implementar, por exemplo, discussões sobre a necessidade de os idosos precisarem trabalhar para complementar sua renda mesmo após terem atingido idade para aposentadoria, sobre o grande percentual de famílias brasileiras sustentadas por idosos ou mesmo sobre a necessidade de alguns deles continuarem a trabalhar para se sentir útil a um sistema que visa sempre extrair o máximo de suas forças. Contrariamente, observamos uma organização que “sutilmente” reforça estereótipos que normatizam um modo de ver/ser pessoa idosa, induzindo o estigma de sujeito em decadência física e profissional, em detrimento da exaltação de suas qualidades e contribuições na sociedade.

Desta forma, chamamos atenção para uma governamentalidade que, aliada à cultura da performatividade, induz no sujeito mais jovem um duplo movimento: 1- de embarcar numa

corrida sem fim, assumindo os preceitos da competitividade em busca de ofertar ao mercado a sua melhor performance enquanto há tempo; e 2- da prática do etarismo, uma vez que o culto à juventude, aliado a uma estigmatização do idoso, relega-o ao desprezo/esquecimento.

Cabe ainda ressaltar o modo como as estratégias de poder produzem rachaduras no sistema a fim de encontrar formas sempre atuais de sobrevivência. Observa-se mesmo sob evidências de uma prática do etarismo, os livros didáticos de Matemática parecem escapar ilesos à avaliação pedagógica do PNLD, fato que evidencia a capacidade/flexibilidade das relações de poder em encontrar formas sempre sutis e criativas para sobreviver em cada sociedade.

Entendemos que somente por meio do debate amplo e sob diferentes perspectivas nos espaços da produção editorial, nos eventos da área, nos ambientes de formação inicial e continuada, nas escolas e instituições (co)produtoras de currículo, é que poderemos fazer reverberar os tensionamentos que apresentamos a fim de que se desenvolvam outros tipos de pesquisas, possibilitando superar os estereótipos atribuídos ao idoso, vencer o etarismo e compreender os efeitos de poder que o livro didático de Matemática colocam em movimento.

## Referências

- BALL, S. J. Reformar escolas, reformar professores e os terrores da performatividade. In: **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 15, n. 2. Universidade do Minho: Braga, Portugal, 2002, p. 3-23.
- BALL, S. J. Performatividade, Privatização e o Pós-Estado do bem-estar. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1105-1126, set./dez. 2004.
- BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Virtual Textos & Contextos**, nº 2, dez. 2003.
- DANTE, L. R. **Ápis Matemática, 1º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017[a].
- DANTE, L. R. **Ápis Matemática a, 3º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017[b].
- DANTE, L. R. **Ápis Matemática, 4º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017[c].
- DANTE, L. R. **Ápis Matemática, 5º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017[d].
- FOUCAULT, M. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1996.



- FOUCAULT, M. **Seguridad, territorio y población**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008[a].
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008[b].
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GOLDANI, A. M. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pirâmide Etária 2023**. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- JUNIOR, D. A. K. O conceito de desejo em Michel Foucault como um dispositivo político na perspectiva de fundamentação de um “tornar-se outro”. **Revista Seara Filosófica**, n. 21, Inverno/2020, pp. 89-104.
- KASTRUP, V. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, n. 19, jan/abr. 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019**. Brasília: MEC, 2017.
- PERONI, V. M. V. et al. BNCC: disputa pela qualidade ou submissão da educação? **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, BPAE**, v. 35, n. 1, p. 35-56, jan./abr. 2019.
- RODRIGUES, M. P. M.; BRAZ, I. F. L.; ARAÚJO, R. P.; ARAÚJO, J. S. O “etarismo” e a velhice: revisão das publicações nacionais. *In: Políticas de envelhecimento populacional* [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.
- SANTOS, J. W.; SILVA, M. A. da. Pluriforme e Multidirecional: relações de poder e a constituição de livros didáticos de matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 35, n. 71, p. 1275-1293, dez, 2021.
- SANTOS, J. W. **Corredores e Porões**: Uma análise das relações de poder na constituição dos livros didáticos de Matemática. Curitiba: Appris, 2021.
- SILVA, W. A. Foucault e indigência – as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos. **Problemata R. Intern. Fil.**, v. 6, n. 3, p. 111-128. 2015.
- VANZELLA, E; NETO, E. de A. L.; SILVA, C. C. da. A Terceira Idade e o Mercado de Trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, vol. 14, n. 4, p. 97-100, 2011.
- VEIGA-NETO, A.; SARAIVA, K. Educar como Arte de Governar. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11,

---

n. 1, pp. 5-13, Jan/Jun. 2011.

REVISTA VEJA. **Disney consultou anões para evitar estereótipos em ‘Branca de Neve’.**

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/disney-consultou-anoes-para-evitar-estereotipos-em-branca-de-neve/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa: tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.